

CORRELAÇÃO DE FÁCIES DA FORMAÇÃO BEBEDOURO (BA) E SUAS IMPLICAÇÕES NA PALEOGEOGRAFIA E NOS MODELOS GLACIAIS NEOPROTEROZÓICOS

Felipe Torres Figueiredo¹; Renato Paes de Almeida¹; Liliane Janikian²¹ Instituto de Geociências – Igc-USP (ftf@usp.br; rpalmeid@usp.br)² Instituto de Astronomia Geofísica e Ciências Atmosféricas – IAG-USP (lijanikian@yahoo.com.br)

Diversos modelos climáticos globais para o Neoproterozóico têm sido sugeridos nos últimos anos, motivados por hipóteses de glaciações extremas, que teriam atingido até latitudes equatoriais durante o Criogeniano (*Sturtian* e *Marinoan*) e talvez o Ediacarano. A evidência de depósitos glaciais de idades semelhantes em todos os continentes favorece esta hipótese. Entretanto a possível correlação é baseada em estudos de composição isotópica nos carbonatos pós-glaciais superpostos, também de distribuição global, e em um dado paleomagnético da Formação Elatina (Austrália). A escassez de estudos de detalhe nos próprios depósitos glaciais torna relevante a análise dos ambientes deposicionais da formação Bebedouro, considerada como representante de um dos eventos do período.

Esta formação representa a base do Grupo Una, localiza-se na região centro-norte do estado da Bahia, e aflora ao longo da borda de quatro ocorrências: Una-Utinga, Ituaçu, Irecê e Salitre, consideradas como correlatas às unidades do Grupo ou Megassequência Bambuí em Minas Gerais.

Com o objetivo de contextualizar a paleogeografia dos ambientes deposicionais da Formação Bebedouro e avaliar os modelos glaciais em vigência foi realizada a descrição de fácies através do levantamento estratigráfico de detalhe de onze seções paralelas (escala 1:50) em duas de suas ocorrências: Salitre e Una-Utinga.

A análise de fácies permitiu individualizar os depósitos descritos em duas associações: (1) "chuva" de detritos, composta por arenitos maciços e conglomeráticos, diamictitos maciços e estratificados polimíticos e monomíticos, tendo como processos deposicionais principais os fluxos de detritos coesivos subaquosos e a queda de grãos. A segunda associação de fácies foi interpretada como (2) marinha interglacial, que é representada por arenitos maciços, arenitos com laminação plano-paralela ou cruzada e arenitos conglomeráticos, sobrepostos por pacotes espessos de pelitos e ritmitos com clastos caídos, cuja gênese está relacionada a intensa decantação e raros eventos de correntes de turbidez.

A correlação estratigráfica entre as duas ocorrências estudadas aponta para uma predominância de chuva de detritos ao norte da bacia (ocorrência Salitre), onde os diamictitos são mais espessos (até 8,30m) e sobrepõem aos pelitos isentos de clastos caídos que ocorrem de forma subordinada com espessuras máximas de 7,80m. A existência de turbiditos recobertos por pelitos e ritmitos com clastos caídos, em sucessão da ordem de 40,0 m de espessura, demonstra que na ocorrência sul (Una-Utinga) predominavam processos associados a correntes de turbidez e ocasionalmente a derretimento de "icebergs", condizentes com espaços de acomodação elevados da bacia, o que posiciona estes depósitos em paleoambientes mais profundos ou próximos ao seu depocentro. Os níveis basais de pelitos e arenitos muito finos identificados nas seções ao norte ("bacia" Salitre) são apresentados como correlatos ao topo da associação de fácies interglacial (Una-Utinga), caracterizando-se por superfícies de máxima inundação, recobertas pela associação mais proximal (1).

A recorrência de diamictitos em níveis estratigráficos diferentes, intercalados por espessa associação interglacial, pode significar a existência de mais de um evento de avanço e recuo de geleiras, com importantes implicações para a dinâmica das modificações climáticas e sedimentológicas que encerram o Neoproterozóico.

In: Simpósio de Geologia do Sudeste, 10/
Simpósio de Geologia de Minas Gerais, 14